

PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO PORTUGUESA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DA EDITORA AFRONTAMENTOⁱ

CORTESÃO, Luiza *

RESUMO

A Pedagogia do Oprimido é uma obra de um pensador, corajoso, lúcido e criativo, um educador militante, consciente de dificuldades a enfrentar na batalha que procurava travar para que a Educação de instrumento de discriminação e dominação, passasse a ser instrumento de possível conscientização. Trata-se de um texto que, desde logo, explicita claramente opções políticas que o estruturam, ao plasmar, na primeira página, a dedicatória que faz "aos esfarrapados do mundo". Foi em um contexto político internacional e na situação em que o próprio Freire "estava sendo", que foi tendo lugar a gestação da Pedagogia do Oprimido. O tempo de a escrever foi longamente precedido de um tempo de "falar das ideias que serão fixadas no papel". A grande qualidade e os enormes efeitos sociais e educativos que esta obra desencadeou em nível internacional, suscitam realmente o interesse em se tentar desvendar algumas das condições que permitiram a sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido. Contexto.

* Universidade do Porto, Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Porto, Portugal. E-mail: cortesao@fpce.up.pt OrCid: <https://orcid.org/0000-0002-8738-1859>

*PREFACE TO THE 3rd PORTUGUESE EDITION OF THE PEDAGOGY OF THE
OPPRESSION OF THE EDITOR AFRONTAMENTOⁱⁱ*

*CORTESÃO, Luiza**

ABSTRACT

The Pedagogy of the Oppressed is a work of a thinker, brave, lucid and creative, a militant educator, aware of difficulties to face in the battle he sought to stop so that Education as an instrument of discrimination and domination, became an instrument of possible "conscientização". It is a text that, from the outset, explicitly spells out the political options that structure it, by reflecting, on the first page, the dedication to "the ragged ones of the world." It was in an international political context and in the situation in which Freire himself was "being", that was taking place the gestation of the Pedagogy of the Oppressed. The time of writing was long preceded by a time of "speaking of the ideas to be fixed on paper." The great quality and the enormous social and educational effects that this work has triggered at the international level, really raise the interest in trying to uncover some of the conditions that allowed its production.

KEYWORDS: Paulo Freire. Pedagogy of the Oppressed. Context.

* University of Porto, Center for Research and Educational Intervention. Porto, Portugal. E-mail: cortesao@fpce.up.pt OrCid: <https://orcid.org/0000-0002-8738-1859>

A *Pedagogia do Oprimido* é uma obra de pensador, corajoso, lúcido e criativo, educador militante, consciente de dificuldades a enfrentar na batalha que procurava travar para que a Educação de instrumento de discriminação e dominação, passasse a ser instrumento de possível conscientização. Trata-se de um texto que, desde logo, explicita claramente opções políticas que o estruturam, ao plasmar, na primeira página, a dedicatória que faz "aos esfarrapados do mundo". Note-se como, atento a que não possa ser deturpado o sentido desta frase (confundindo-a, por exemplo com um apelo à benevolência, ou mesmo à simples caridade) Freire logo acrescenta na mesma dedicatória "e aos que nele se descobrem e assim descobrindo-se com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam". Pode ver-se, então que Freire de 1968, quando escrevia este livro, se afirmava já absolutamente coerente com ele próprio sob ponto de vista ideológico, quando, em 1997, enriquecido pelas experiências vividas, amadurecido pelas provações da prisão, pela dor do exílio e da proibição das suas ideias e propostas de ação, afirmou na *Pedagogia da Autonomia*:

Não junto a minha voz aos dos que, falando de paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo de resistência, de indignação, de justa ira dos traídos, dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas, cada vez mais sofridas (FREIRE, 1997, p. 113-114).

A proximidade ideológica evidenciada nestas afirmações permite reconhecer que o posicionamento militante contra a dominação e a opressão dos grupos minoritários é, realmente, uma trave estruturante de toda a produção científica e da intervenção socioeducativa de Freire.

Mas ainda nesta obra outros aspetos que será importante salientar. Por exemplo, é muito interessante notar que, ao ler a *Pedagogia do Oprimido* se vai aí descobrindo um texto que se constrói trabalhando e articulando diferentes ideias e conceitos alguns dos quais, à partida, se poderiam até considerar, de certo modo, conflituais ou mesmo, aparentemente, por vezes não compatíveis entre si. Sendo este um trabalho teoricamente denso, articulado, muito fundamentado e muito rico, é também uma obra de qualidade literária indiscutível: a densa síntese criativa, bem carregada de sentidos, conseguida, por exemplo, através do recurso a conceitos-metáfora, tais como "ensino bancário" ou "inérito viável", poderá ser comparável a criações produzidas em textos de grandes poetas. Outro caso que ainda poderá ser apontado também por muitos considerado contraditório é o da coexistência, num mesmo texto, de

situações de "denúncia" e "anúncio". Trata-se de dois posicionamentos que não coabitam, frequentemente, nos trabalhos de análise social, mas que são muito frequentes e significativos na Pedagogia do Oprimido e, aliás, em toda a obra de Freire. De facto, neste texto, corajosas e lúcidas denúncias da cumplicidade que a Educação tem em processos de reprodução social de discriminação e dominação de minorias, coexistem com referências a possibilidades concretas de ações contra hegemônicas de terreno. É ainda um texto que faz duras denúncias de situações evidentes de decisões e práticas de dominação, mas que também apela à importância do amor pelo outro. Nele podem encontrar-se frases como: "Não há diálogo, porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda" (1975, p. 11).

Mas o que é necessário, sobretudo, salientar é que, com estas (e outras) originais mesmo por vezes transgressivas características, a Pedagogia do Oprimido é uma obra que conseguiu e consegue alertar e mesmo estimular a reflexão e a ação tanto de estudiosos e práticos de educação, como de intelectuais de diferentes campos, tanto de políticos como de operários e trabalhadores rurais, como sindicalistas e migrantes, tanto agnósticos como católicos progressistas.

A grande qualidade e os enormes efeitos sociais e educativos que esta obra desencadeou a nível internacional, suscitam realmente o interesse em se tentar desvendar algumas das condições que permitiram a sua produção.

Em a "Pedagogia da Esperança" Freire escrevera:

um acontecimento, um fato, um gesto, de amor ou de ódio, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser, de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que algumas são mais visíveis enquanto razão de ser (2000, p. 120).

E, no início do livro, tinha explicado ainda: "por isso é que a mim interessa sempre muito mais a compreensão em como as coisas se dão, do que o produto em si" (FREIRE, 2000, p. 18).

Também aos leitores da Pedagogia do Oprimido, certamente interessará ter a possibilidade de, na medida do possível, aceder não só a alguns dos atributos que, na época, mais fortemente se evidenciavam na personalidade do autor que estava concebendo a obra, como poder ter acesso a algumas das características mais significativas do contexto em que a Pedagogia do Oprimido terá sido gerada.

Em diferentes textosⁱⁱⁱ Freire defende que não se deverá descrever o ser humano como

uma entidade que "é". Afirma algo de muito importante para a presente tentativa de aceder à identificação de algumas das "tramas" em que a Pedagogia do Oprimido terá sido gerada. E o que ele defende é que, em qualquer fase da vida, em consequência daquilo que designa de "incompletude" ou "inacabamento" do ser humano, considerando que ele vai sendo atravessado por vivências diversas, se deverá antes dizer que ele "está sendo", porque vai mudando, porque evolui em consequência de cada situação que experiência.

Na linha do que defende nesta afirmação será de admitir que, no Chile, o Freire que foi concebendo e produzindo a Pedagogia do Oprimido, era alguém que mantendo a sua coerência política, incorporara aprendizagens decorrentes das situações que vivenciava. Tendo emergido de uma infância onde vivenciou fortes privações econômicas, abandonara a advocacia, preferindo trabalhar, por exemplo, no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, tinha também concebido e realizado intervenções de alfabetização, por exemplo, no Centro Cultural Dona Oligueirinha.

Participara na campanha "De Pé no Chão também se Aprende a Ler", no Plano Nacional de Alfabetização em que realizara a importante experiência de Angicos. Já no Chile, após a prisão que experimentara no Brasil depois do golpe militar de 1964, e o início da dolorosa experiência de exílio, tinha-se enriquecido e amadurecido com todas as experiências que estas situações lhe proporcionaram. Era, agora, um adulto ainda jovem que, de modo informado, implicado e corajoso, se confrontava com um mundo complexo, onde um agressivo capitalismo se afirmava e onde ele decidira continuar a intervir. É também nesta época que Paulo Freire, católico convicto, lê e estuda, por exemplo, Marx, Hengels e Che Guevara.

É assim que na Pedagogia da Esperança, ao relatar como emergira a Pedagogia do Oprimido, Freire, descreve em rápidas pinceladas, as características desse mundo que eram, para ele, mais significativas:

o livro apareceu numa fase história cheia de intensa inquietação. Os movimentos sociais na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, em cada espaço-tempo com suas características próprias. A luta contra a discriminação sexual, racial, cultural, de classe, a luta indefesa do ambiente, os Verdes na Europa, os golpes de Estado com nova face na América Latina e seus governos militares que se alongaram da década anterior. Os golpes de Estado agora ideologicamente fundamentados, e todos eles ligados de uma ou de outra maneira ao carro-chefe do Norte, na busca de viabilizar o que lhe parecia dever ser o destino capitalista no continente; as guerrilhas na América Latina, as Comunidades de Base, os movimentos de libertação na África, a independência das ex-colônias portuguesas, a luta na Namíbia, Amílcar Cabral, Julius Nyerere, a sua liderança na África, a sua

repercussão fora da África. A China, Mao. A revolução cultural. A extensão viva do significado de Maio de 1968 (FREIRE, 2000, p. 121).

Foi neste contexto político internacional e nesta situação em que o próprio Freire "estava sendo", que foi tendo lugar a gestação da Pedagogia do Oprimido. O tempo de escrever foi longamente precedido de um tempo de "falar das idéias que serão fixadas no papel" (2000: 54). Este tempo de falar, foi-se prolongando por mais de um ano e, Freire abria-se, então, na Pedagogia da Esperança e conta que falava de aspectos da Pedagogia do Oprimido a amigos, que os discutia em cursos e em seminários, até que, em 1967, "neste tempo de oralidade da Pedagogia do Oprimido, [aconteceu] uma conferência inteira, a primeira, que fiz sobre o livro, em Nova Iorque" (FREIRE, 2000, p. 54). À fase de Oralidade seguiu-se então uma etapa extremamente intensa de criação.

Freire abre-se, generosamente, ao leitor e conta que, em qualquer lugar onde lhe surgisse uma ideia, a registava logo, mesmo que fosse num qualquer papel, e que: "à noite, em casa, depois do jantar, trabalhava a ou as ideias que havia registado, escrevendo duas ou três ou mais páginas" (FREIRE, 2000, p. 58). Explica ainda que: "foi por causa de todo aquele esforço artesanal que, ao decidir começar a redigir o texto, em julho de 1977 [...] em 15 dias de trabalho, em que atravessava não raro as noites, escrevi os três capítulos da Pedagogia" (FREIRE, 2000, p. 50). Terminados os três capítulos, e por sugestão de Josué de Castro, Freire decidiu pô-los "de quarentena", guardando-os, sem os ler, durante algum tempo. Relata que foi só depois disso que escreveu o quarto capítulo.

É muito significativo das condições então existentes nos diferentes países, o que foi acontecendo em seguida, em relação a esta obra. Freire conta que o livro já havia sido traduzido ao espanhol, ao italiano, ao francês e ao alemão quando foi impresso no Brasil em 1975. No seu próprio país, o conhecimento do livro, avidamente recebido e estudado por muitos, só foi possível, como ele relata, a "golpes de astúcia e de coragem" (FREIRE, 2000, p. 63). Freire, que estava então no exílio, refere, por exemplo, que uma freira tinha trazido vários exemplares para o Brasil, tapando as suas capas, com outras capas de livros religiosos. Revela também que alguns outros originais conseguiram entrar no Brasil na mala do diplomata suíço Jean Ziegler.

As medidas de repressão que foram sendo tomadas relativamente a esta obra, não eram, porém, exclusivas do Brasil. Quando, já em Genebra, Freire trabalhava com migrantes italianos, espanhóis e franceses que descrevia como representando "o terceiro mundo dentro

do primeiro", estes contactos, que tanto valorizava, quer com trabalhadores, quer com lideranças operárias, só podiam acontecer, em países mais ou menos democráticos como na Alemanha, na Suíça ou na França. De facto, como ele escrevia, na época, "eu e a Pedagogia do Oprimido éramos proibidos de entrar na Espanha como em Portugal. A Espanha de Franco e o Portugal de Salazar nos interditava a ambos. A Pedagogia e a mim" (FREIRE, 2000, p. 123). Realmente, no Portugal de Salazar, por exemplo em 1973, a Direção dos Serviços de Informação decidira (nas suas próprias palavras) "a bem da Nação", apreender a Pedagogia do Oprimido, por se tratar, explicavam esses Serviços, de "uma obra de teoria política e experiência de mentalização do povo para uma revolução social" (FREIRE, 2000, p. 242)^{iv}.

Portugal era, então, um país cinzento, decadente, sufocado, que sobrevivia amarrado a uma guerra colonial que sabia estar perdida, um país em que, como descreve Brochado Coelho "morria-se e matava-se em África; os imigrantes aos milhares, davam o salto para França; os opositores eram presos e torturados, a pobreza aumentava e a mediocridade implantava-se como cultura dominante" (2010, p. 36).

Mas Portugal de então não poderá ser descrito só o referindo como sendo cinzento, decadente e onde imperava a mediocridade. Nesta fase final da ditadura, se ainda prevaleciam a censura e a repressão geral (talvez menos violentas que anteriormente), se é verdade que a mediocridade predominava, também é verdade que existiam já múltiplos e diversificados sinais de uma inquietação sociopolítica que, se percebe agora, eram percursos do 25 de Abril. Grupos políticos, culturais e/ou religiosos, tinham-se organizado em instituições várias, em associações e cooperativas, e iam progressivamente surgindo iniciativas várias: aconteciam reuniões, colóquios, exposições, cursos, debates vários até espetáculos, atentamente vigiados pela polícia. Em algumas destas iniciativas, crescia o interesse pela educação popular e pela alfabetização. Mas nestes contextos, como é natural, crescia o interesse pelos trabalhos não só de alfabetização, mas também de conscientização de Freire. E esse interesse concretizava-se não só pelo estudo dos seus trabalhos, mas também em iniciativas concretas de educação popular e alfabetização de que há várias notícias realizadas, por exemplo, na zona de Coimbra, no Alentejo e no Porto.

E note-se que alguns destes trabalhos que se terão inspirado nas propostas de Freire, aconteceram estava ele no Brasil, portanto não tendo ainda escrito a Pedagogia do Oprimido. Trata-se de iniciativas que iam acontecendo em Portugal e que, claramente se terão inspirado nas ideias que Freire desenvolvia no Brasil, conhecidos pela redutora designação de "método

de Paulo Freire". Mas já se fazia "o levantamento temático, a escolha de palavras-chave e a preparação de desafios" (KOENING, 2017). Na zona rural de Coimbra, também, no contexto do GRAAL, tem-se notícia de terem sido organizadas atividades de alfabetização de mulheres. O próprio Paulo Freire relata, na *Pedagogia da Esperança*, ter recebido em Genebra, em 1969, afetuosos bilhetes escritos por mulheres que se tinham alfabetizado nas ações promovidas pelo GRAAL e que se encontrara posteriormente com algumas delas quando já tinha podido vir a Portugal após a Revolução dos Cravos.

Se o interesse pelas propostas de Freire era muito grande, e se, no contexto do GRAAL a elas se recorria, esse interesse existia também, noutros contextos, como por exemplo no Porto. Aqui já sem explícita vinculação religiosa, grupos que tinham de comum o facto de serem de "oposição ao regime" desenvolveram, também, o mesmo tipo de trabalho. No livro *"Confronto - Memórias de uma Cooperativa Cultural"* de Mário Brochado Coelho, podem encontrar-se várias referências a este interesse através de notícias de múltiplas e diversificadas atividades que foram sendo organizadas, tais como reuniões, debates, conferências e mesmo atividades de alfabetização, realizadas por exemplo, no contexto desta cooperativa pelo Grupo de Alfabetização do Porto (1969). É de salientar que do registo de atividades da cooperativa Confronto, constam tentativas de estabelecimento de relações com entidades muito diversificadas, nacionais e estrangeiras, como por exemplo com a Obra Diocesana e o GEPAE do Ministério da Educação, e até com elementos do Partido Comunista. E, destes registos, há algo particularmente importante para a compreensão dos efeitos que a obra de Freire teve em Portugal antes do 25 de abril. Neles consta ainda a referência a uma carta de Antônio Melo, que era um dos elementos da cooperativa Confronto, escrita em 21 de junho de 1971 a Paulo Freire que estava na Suíça, propondo uma reunião, com ele, de um grupo de trabalho que o iria procurar a Genebra. E, num registo de 1 de janeiro de 1972, há mesmo a referência a outra carta, também de Antônio Melo, sobre a questão da publicação do livro *"A Pedagogia do Oprimido"* pela Afrontamento (FREIRE, 1972), publicação essa que terá acontecido nesse mesmo ano.

O texto impresso da *Pedagogia do Oprimido* - o tal livro considerado perigoso pelo regime de então, por constituir um risco de "mentalização do povo para uma revolução social," (Ofício 56 DGI/S) - estava, finalmente, entre nós. E note-se que isto aconteceu antes de ter ocorrido a revolução do 25 de abril que terminou com o regime totalitário então existente em Portugal.

REFERÊNCIAS

COELHO, Mário Brochado. **Confronto, Memória de uma Cooperativa Cultural**. Porto: Afrontamento, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido** (2ª Ed.). Porto: Afrontamento, 1972.

KONING, Marijke. Para uma educação inspirada em Paulo Freire: das tarefas infinitas. In: ALCOFARADO, Luís; BARBOSA, Maria Regina; BARRETO, Denise (Orgs.) **Diálogos freireanos**: a educação de jovens e adultos em Portugal. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

Notas

ⁱ O presente texto, com pequenas alterações, consta do prefácio à 3ª edição da Pedagogia do Oprimido publicada pela Editora Afrontamento e que foi lançada em junho de 2018 aquando do Congresso "50 anos depois da Pedagogia do Oprimido" organizado pelo Instituto Paulo Freire de Portugal em parceria com o Centro de Recursos Paulo Freire e o Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto. A sua publicação foi autorizada pelas edições Afrontamento.

ⁱⁱ The present text, with minor changes, appears in the preface to the 3rd edition of Pedagogy of the Oppressed published by Editora Afrontamento which was released in June 2018 at the Congress "50 years after Pedagogy of the Oppressed" organized by the Paulo Freire Institute of Portugal in partnership with the Paulo Freire Resource Center and the Center for Research and Educational Intervention at the University of Porto. Its publication was authorized by the Edições Afrontamento.

ⁱⁱⁱ Ver, por exemplo, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança ou Pedagogia da Autonomia.

^{iv} Ofício 56, DGI/S